

O CONGRESSO DOS RURAIS

UM COMPASSO DE ESPERA...

Promete ser interessante sob muitos aspectos o congresso nacional dos trabalhadores rurais. Como não se trata dum congresso de proprietários das terras, as teses a discutir não terão a ameaquinhas-las o espetáculo criterio capitalista.

Efectivamente, quando nós encaramos o problema da produção temos um critério muito mais amplo e científico do que o que pode ter quaisquer elementos burgueses, agrados ao preconceito de propriedade, de autoridade, de hierarquia. Assim para um burguês a intensificação da produção só se pode obter aumentando as horas de trabalho. Para nós a produção aumentará no dia em que se fizer a socialização de toda a terra e à terra se aplicarem os processos científicos da cultura, se fizer o aproveitamento das máquinas.

A depressão da produção agrícola que se deu na Rússia não pode servir de argumento. Na Rússia não se fez a socialização das terras, o que se tentou foi a sua estatização. Mercé do atraço industrial da Rússia, e sobretudo da divisão das terras por famílias em vez da sua utilização por sindicatos operários, realizando a industrialização agrícola, a produção decresceu. De cresceu ainda por causa das requisições militares, transformadas mais tarde num imposto em gêneros.

Mas na mesma Rússia na região da Ucrânia, em que os camponeses durante alguns meses estiveram entregues a si mesmos e organizaram comunas livres a produção foi sempre suficiente para as suas necessidades e ainda para abastecer o exército insurreccional que bateu o Deníki e impediu que a Rússia fosse invadida pelos inimigos da Revolução.

No dia em que desaparecer o explorador e tiverem que entender-se produtores com consumidores o problema dos abastecimentos será inteiramente resolvido. Se predominar o critério estreito e burguês da propriedade individual, como se tentou pregar nos meios rurais, com a ideia de que o camponês trabalha mais em terreno seu do que em terreno da comunidade, não se faria senão isolar os esforços de cada produtor, impedindo o próprio progresso agrícola. Para a própria evolução técnica da agricultura é a propriedade colectiva, o melhor elemento, o maior impulso. Só ela satisfaz os preceitos da moderna ciência agrícola que exige a laboração intensiva e extensiva de grandes tratos de terreno, laboração incompatível com a propriedade privada.

Sei dávado que os camponeses não deixarão de encarar este problema como é de se visto à luz dum critério operário. Não é na divisão das terras, no seu usufruto por cada família que está a solução do problema, mas precisamente na cooperação, na solidariedade dos trabalhadores, inspirados pela ciência e aceitando os preceitos científicos dum maior aproveitamento do solo.

Os dois garotos.

Reaparece no palco do Nacional amanhã o popular melodrama OS DOIS GAROTOS, onde o público tem ensaço de admirar a complicadíssima ponte de Austerlitz, de difícil montagem, e os belos scénarios de Campos e Oliveira.

ESPERANTO

Nova Voz. — Sociedade Esperantista Operária.—Reune hoje, o curso prático, às 21 horas.

de cocheira a um cavalo. Como a doença de Maria Ascenção se agravasse devido à noite horrível que passou, sua mãe simplicemente ao padrinho Mesquita que tivesse dô da filha as deixasse entrar em casa. Como o padrinho se tivesse obstinadamente recusado a atendê-la, pediu-lhe então que lhe consentisse a entrada em casa para lá buscar um colchão a fim de que sua filha não voltasse a ficar em terreno húmido. O padrinho, a pesar de conhecer o estado gravíssimo em que D. Maria de Ascenção se encontrava replicou com uma recusa séca, rude, lacônica e desapiedada. Mais tarde a dona, aproveitando a ausência do padrinho e com autorização da criada deste, introduziu-se em sua casa. O padrinho quando regressou e deu com ela em casa, enfureceu-se e aproveitando a ausência de sua mãe, mandou, pelas 22 horas, chamar três mulheres de baixos sentimentos — Maria Salvada, Maria Cláudia e Maria Russa — as quais na sua presença e sob a sua ordem a arrastaram barbaramente pelo corredor e escadas e largaram-na para uma valeta onde corria água.

E a dona lá permaneceu inanimada, durante meia hora até que sua mãe tentou concretizar o acto de requintada ferocidade ordenado pelo padrinho a veio levantar. As mulheres que se prestaram a cumprir os desejos do padrinho puseram-se em fuga, mostrando assim que tinham a consciência da miserável ação que praticaram. O padrinho, esse continuou tranquilamente passeando nas salas da casa sem manifestar o menor arrependimento pela ação que cometera contra uma criatura doente e, portanto, indefesa.

Segundo informações que recebemos a vida de D. Maria da Ascenção corre perigo em virtude dos maus tratos recebidos que foram, como acima dissemos, ordenados pelo padrinho.

Ora aqui está, bem patente, em sua abjeção, em tóda a sua hediondês, um fruto da educação religiosa. Um dos chamados mandamentos da lei de Deus obriga "a amar o próximo como a nós mesmos". Até onde o padrinho Mesquita cumpre com o tal mandamento da chamada lei de Deus, até que ponto ele leva o seu amor pelo próximo estão bem patenteados no desumano e repugnante acto que praticou.

Padres como este há muitos. Padres pobres, com vezes piores do que estes têm existido por milhares e não faltam os que ainda estão vivos e que não há muito cometeram actos dum perversidade refinada. Além de que os tais famosos mandamentos da lei de Deus, não há padres que os cumpram.

As *Novidades* abstiveram-se cuidadosamente de revelar o detestável e desumano procedimento do padrinho Mesquita. Encobriram-no, demonstrando assim que colocam a chamada "honra do convento" muito acima do "amar o próximo como a nós mesmos". São afinal as *Novidades* a demonstrar, pela sua própria conduta, a falsidade da tese que, chafuzidamente, ao comprido, estende pelas suas colunas.

Esperamos que fingirá um certo decrépito vindo com as hipócritas e untuosas desculpas do costume.

Impõe-se o regresso dos deportados. Os que tiverem de ser julgados, deverão sê-lo na metrópole

Devido à mudança de figuras da escena política portuguesa, encontra-se a marcar um compasso de espera a opinião pública proletária e com ela, a justiça a fazer aos deportados, o sossêgo do seu lar e a paz do seu espírito; apenas, com o caminhar avassalante do desredo do regime republicano, segue vertiginosamente o sofrimento, a dor e o martírio, desses mesmos deportados.

A campanha de ódios e vinganças levantadas em torno daqueles que, os pilares dumha sociedade em decomposição, escolheram para saciar-lhe a sua sede de exterminio e fome de morticínio, além de ter produzido os seus resultados imediatos e seguros, parece condenada a eternizar-se, assim, e, enquanto o leão proletário comega a deixar-se adormecer, a falange do ódio, da tirania, da vingança e do crime, vai ganhando terreno e tirando partido, já com os complicados enredos políticos, já com as medidas ambiciosas pessoais.

Demasiados nos parece já o martírio a que se têm sujeitado homens que a justiça recata e imparcial, ainda não julgam e a quem por tanto se não pode tratar como criminosos. Manter por mais tempo esses indivíduos sujeitos a um regime que serviu aos caudilhos da democracia para a maioria encarcerada e certeira campanha de ataque à monarquia, é dar-nos a nós, e aqueles que a fomentaram, o direito de duvidar do regime que implantaram ou das intenções dos homens que a representam.

Porque haja um outro desmentido entre elas, não é admissível que a demencia e o crime de todos seja característica.

Em todos os tempos e em todas as épocas de que a história nos fala nas lutas dum ideal ou defesa dum princípio, encontramos entre os propagandistas sinceros e humanitários quem fanatizado pela educação ou desneurado pelo ideal, cometa os mais graves excessos ou criminosos actos; no entanto, com relativa facilidade encontramos também nas páginas da história, tempos depois a consagração desses excessos e a comemoração desses actos.

A violência, o crime e a revolta vêm de longa data e a todos pertencem, pois dela largaram mão os religiosos na luta das cruzadas, os monárquicos nas questões constitucionais, e os republicanos para consolidar os seus principios.

Não pertence a esta ou aquela ideia, a este ou aquele partido, mas ainda mesmo que pertencesse à ideia que os deportados têm defendido, se é que alguma ideia elas defendem, ainda isso não seria o bastante, para que uma Democracia mantivesse em mortíferas posições africanas, sujeitos a um regime que apavora homens sobre cujas culpas a justiça essa justifica que se diz monárquica e afirma reacionária, ainda se não pronunciou ou sequer ouviu.

Não basta que existam indícios ou aparições suspeitas, pois que uns e outros por vezes nos conduzem às mais erradas conclusões.

No decorrer da formação do processo, diz-se, mostrou-se a culpabilidade de todos os desterrados, mas admitindo que isso é a expressão da verdade, ainda mesmo assim se justificaria o atentado feito à soberania da Deusa Temis da verdade, a Justiça. As deportações agora efectuadas com manifesto atropelo geral dos direitos de cidadão tão belamente consignados na carta de Alforria da Revolução Francesa, não podem de maneira alguma ser aceites por aqueles que devotada e livremente combateram os desmandos e atropelos dos sinistros autores de 13 de Fevereiro, a não ser que, estes pela sua situação mandem rasgar as togas, fechar os tribunais e extinguir os revogar os códigos, à margem dos quais gira a nossa liberdade. Só depois disso se justificaria a deportação dos que de qualquer maneira contribuem para o mal estar da humanidade, os que falsificam o leite, adulteram o pão, estragam o peixe, nos tiram a saúde, roubam o bem estar e exterminam a vida.

Síntesis: Deportem-se então todas as legiões, desde a branca à preta e da vermelha à dourada, pois todas elas são nocivas, são daninhas e criminosas; mas até lá, e acabado que seja o compasso de espera da política, que regressem os deportados e a justiça recta e imparcial que os julgue e condenne. Proclame-se assim a fé na justiça, na ciência e no saber, mas sem violências que revolvem e perseguem que enojam.

PAULO EMILIO
Revolucionário Civil

AVENIDA
Amanhã sobe à cena neste teatro a joia literária do escritor Benavente A MALQUERIDA, em que Adelina Abrahams, a grandiosa artista, interpreta a cruciente mãe.

Um protesto do Grémio Africano
contra a escravatura dos pretos

O Grémio Africano protestou contra a forma como os arrendatários dos prados de Quelimane, tratam os pretos, obrigando-os a trabalhos pesadíssimos, tanto homens como mulheres, desde as quatro horas da manhã até à noite, e contra a falta de assistência aos indígenas.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 11 desta revista intitulada "El Hijo de Nadie", de Frederico Uralles. — Preço, 500. — Pedidos à administração de A Batalha.

TIVOLI
TEL. N. 5174
ÁS 8 314
As minas de cobre em África

AS ESPOSAS DOS RICOS
Cine-drama em sete partes

OS EMIGRADOS

Produção da Swenska Film em 6 partes

O pintor Fosquinhas

Cine farça em duas partes

Amanhã-MATINÉE às 3 horas

a pedido—Sábado e domingo à noite: A ESTRELA DE ISRAEL

TIOLI DA MINH'ALMA

QUINTA-FEIRA, 30
'represa' de drama

OS DOIS GAROTOS

EDIFÍCIOS

EDIF

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE JULHO

S.	11	18	25	HOJE O SOL
D.	12	19	26	Aparece às 5,35
S.	13	20	27	Desaparece às 19,50
T.	14	21	28	I ASSES DA LUA
Q.	15	22	29	Q.C. dia 3 às 8,12
Q.	16	23	30	Q.M. 9 a 3,33
S.	17	24	31	Grandes salões das pretas

MARES DE HOJE

Praiamar às 9,05

Praiamar às 1,35 e às 2,04

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	97\$00	97\$25
" Madrid cheque	29\$01	
" Paris, cheque	39\$00	
" Stíga, "	39\$00	
" Bruxelas cheque	39\$03	
" New-York, "	20\$05	
" Amsterdão	8\$06	
" Itália, cheque	7\$4	
" Brasil, "	24\$40	
" Praga, "	6\$00	
" Suécia, cheque	53\$39	
" Áustria, cheque	28\$82	
Berlim,	47\$82	

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Bacanal - A's 21,30 - Tio de minhaima. Politeama - A's 21,30 - O Lado da Estrela. Rivaldo - A's 21,30 - O Lado. Rivalo - A's 21,30 - O moleiro de Alcalá. Trindade - A's 21,30 - El Pintor Pátria. Ermida - A's 21,30 - A cidade onde a gente se abriga.

Maria Vitoria - A's 20,30 - Rataplan. Casino de Sintra - A's 21,30 - Concerto pela canção Gonçave Wix.

Jurema - A's 21,30 - Irmãos e A Gliada. Salão Tejo - A's 20,30 - Variedades.

O. Vicente (à Graca) - A's 20 - Animadragão.

Ermida Parque - Tôdas as noites - Concertos e filmes.

CINEMAS

Olimpo - Chado Terrasse - Salão Central - Cinema Condé - Salão Ideal - Salão Lisboa - Sociedade Pioneira de Educação Popular - Cine Paris - Clube Esportivo - Chatelet - Livoli - Tortoise.

FOTOGRAVURA
TRICROMIA
ZINCOPRINT
DESENHOGRANDE PREMIO
RIO DE JANEIRO 1908
GRANDE PREMIO E
MEDALHA DE OURO
LISBOA 1913
PREMIO DE HONRA
LEIPZIG 1914OFICINA FOTOMECHANICA
Largo do Conde Barão, 49
LISBOA
TELEFONE
2554
C

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Acer, assim como rodas docas e
máscaras, tubos, molas, chaminés da lata e
peças, lampões. Vendem-se no Largo
Conde Barão, n.º 55 e quioscos.Dirigir pedidos a Francisco Pereira Latu
e à casa que fornece em melhores co-
ndições.

Caixoteiro

Oficial precisa, Travessa da Espera, 41

Empregado

Camarada deseja empregar a sua activi-
dade ao domingo ou dominical das 19,00.
Sabe bem iher bôa caligrafia e regular
apresentação. Para comercio ou outro
ramo.Resposta, M. Pereira - Rue Herois de
Kionga, 26, 3.º dto.seu confidente dirigiram-se para a margem, e bem
depressa o ruído dos remos do barco me indicou que
eu afastavam. Depois, o estudante dirigindo-se a
Mahiet com um ar triunfante:— O que te dizias eu esta manhã? Tratavas-me de
louco! E contudo tu o vês, Margot deixou-me aborre-
cer à borda do rio, e o regente deixa Paris ameaçan-
do-nos com a sua vingança! Com os diabos! A crença
no fatalismo é uma bela coisa!Margarida, sabendo os novos perigos que corria
Marcel, trocou furtivamente com Dionisia um olhar
de angústia, tratando de ocultar o medo ao marido,
a fim de não aumentar os seus pesares. Guilherme
Caillet presentindo que a traição do regente ia apres-
sar o levantamento dos servos do campo, abanava a
cabeça com uma expressão de triunfo sinistro. O pre-
boste dos mercadores, com os braços cruzados no
peito, a cabeça pendida, os lábios contraidos por um
amargo sorriso, disse lentamente depois de alguns mo-
mentos de silêncio:— Tais foram as palavras do regente deixando-me:
— Meu bom pai, conjurou-me a ir tomar algum repouso,
a noite avança e desejo amanhã ao nascer do dia, re-
começar os nossos trabalhos com um novo ardor. Ide
repousar, meu bom pai, e como eu vos gosareis esse
doce sono que nos dá a nossa consciência de ter feito
o bem! Sim, tais foram as últimas palavras desse
mancebo.— Ah! Marcel! disse Margarida com abatimento,
quanto deves lamentar a tua confiança nele!— Não lamentemos nunca ter acreditado no arre-
pendimento dos homens, porque nos tornariamos im-
piedosos. E depois, há traições tão negras, tão mons-
truosas, que para as suspeitar seria preciso ser quase
capaz de as cometer.— Depois de um novo silêncio meditativo, Marce-
lo continuou:— Julguei poupar à Gália novas desgraças! vê es-
perança! Vamos à guerra! este mancebo a quer! Des-A GRANDE BAIXA
DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10%.

NA
SAPATARIA SOCIAL OPERARIASapatos para senhora
Sapatos em verniz
Botas pretas (grande saldo)
Botas pretas (saldo)
Grandes salões das pretas
Estras de couro para homemNao consegue a SOCIAL OPERARIA com
outros casas.

Ver que só lá encontra bom e barato.

A Social Operaria é na rua dos Cavaleiros,

18-24, com Filial na mesma rua, n.º 18.

11 18 25
12 19 26
13 20 27
14 21 28
15 22 29
16 23 30
17 24 31

I ASSES DA LUA

Q. C. dia 3 às 8,12

Q. M. 9 a 3,33

I. N. 28 a 2,20

S. 29 a 2,20

MARES DE HOJE

Praiamar às 9,05

Praiamar às 1,35 e às 2,04

CAMBIOS

Países

Sobre Londres, cheque

Madrid cheque

Paris, cheque

Stíga, "

Bruxelas cheque

New-York, "

Amsterdão

Itália, cheque

Brasil, "

Praga, "

Suécia, cheque

Áustria, cheque

Berlim,

11 18 25

12 19 26

13 20 27

14 21 28

15 22 29

16 23 30

17 24 31

18 25 32

19 26 33

20 27 34

21 28 35

22 29 36

23 30 37

24 31 38

25 32 39

26 33 40

27 34 41

28 35 42

29 36 43

30 37 44

31 38 45

11 18 25

12 19 26

13 20 27

14 21 28

15 22 29

16 23 30

17 24 31

18 25 32

19 26 33

20 27 34

21 28 35

22 29 36

23 30 37

24 31 38

25 32 39

26 33 40

27 34 41

28 35 42

29 36 43

30 37 44

31 38 45

11 18 25

12 19 26

13 20 27

14 21 28

15 22 29

16 23 30

17 24 31

18 25 32

19 26 33

20 27 34

21 28 35

22 29 36

23 30 37

24 31 38

25 32 39

26 33 40

27 34 41

28 35 42

29 36 43

30 37 44

31 38 45

11 18 25

12 19 26

13 20 27

14 21 28

15 22 29

16 23 30

17 24 31

18 25 32

19 26 33

20 27 34

21 28 35

22 29 36

A BATALHA

UNIVERSIDADE POPULAR

Ainda a sessão de arte religiosa

Palavras com que a Universidade precedeu a conferência
do sr. António Arroio

A fim de esclarecer o caso do serão de arte religiosa da Universidade Popular Portuguesa publicamos hoje textualmente o discurso que o director daquela instituição, nosso amigo José Carlos de Sousa proferiu nessa noite, precedendo a conferência do sr. António Arroio.

Como membro do Conselho Administrativo da Universidade Popular Portuguesa, venho cumprir um dever e enobrecer-me com a subida honra de abrir esta sessão que certamente marcará, nos fastos da nossa Universidade, um lugar de destaque pelo elevado espírito de isenção e imparcialidade que a distinguirá; pelos intuições pedagógicas que nortearão as notabilidades no mundo da arte, das letras, da ciência, que hoje nos encantam com o seu verbo riquíssimo de ensinamentos e prestígio; pelo prazer espiritual, enfim, que é de esperar dum conjunto de pessoas e de coisas sábientemente organizadas, para este serão de arte, pela alta capacidade intelectual e artística que é o ex.^o sr. António Arroio.

Se não fosse um dever, que a minha posição especial dentro desta Universidade me impõe, eu nunca me abalancaria a vir aqui falar, nem antes nem depois de terdes ouvido a palavra eloquente, burilada e sempre espirituosa de sua excelência...

Pois que as causas são o que são, eu, só porque dum dever se trata, farei, como costuma dizer-se, das fraquezas forças e vou tentar desempenhar-me da minha missão conforme souber e puder, pedindo me desculpes o ir rombar-vos alguns momentos que, com toda a razão, vós estimareis muito mais fossem utilizados, para maior encanto de vossos ouvidos e superior ênfeze do vosso espírito, com a audição proveitosa da paixão mágica de sua excelência o sr. António Arroio e das belas concepções musicais devidas ao gênio inspirado, sóbrio e de profundo sentimento que é Chopin; a essa incomparável virtuosidade, a esse maestro poderoso que, no mundo da grande arte se chamou Liszt e a outros músicos ilustres, todos inteligentemente, primorosamente interpretados—é para mim ponto de fé—pelos pessoas que a este serão pertencem, na sua colaboração de subidos quilates.

Perdoai-me, eu vo-lo peço e assim permitem-me, que, por mais alguns instantes, eu vos privo do suspirado prazer...

Maior extasi vos arrebatará depois...
* * *

Ex.^o senhoras:
Ex.^o senhores:
A missão da Universidade Popular Portuguesa é educar as massas do povo; não só esclarecendo-as, instruindo-as em todos os conhecimentos que a ciência tem adquirido nas suas investigações de séculos, mas—e principalmente—educa-as no sentido de formar, nelas, uma consciência nítida do que deve ser o ente humano, fazendo-lhes compreender que o objectivo da vida, o alvo para o qual todos devemos olhar, não se consubstancia em satisfazer as necessidades fisiológicas: visto como, neste caso, não nos diferenciariam dos animais ditos inferiores.

Satisfazer a fome, quando ela nos tortura as entradas; restaurar as forças exgotadas por um trabalho mais ou menos exaustivo; reparar as perdas do nosso organismo derivadas, não apenas, dum esforço conscientemente executado, mas ainda dum labor inconsciente da economia animal; viver, numa palavra, a vida vegetativa; recrear os olhos com as maravilhas dum tela magnificamente pintada, com uma criação genial da arquitetura ou deliciar os ouvidos com os inspirados acordes dum composição musical, dum missa de Mozart, dum ópera de Wagner, dum Stabat Mater de Rossini—isto não é ainda humanamente viver!

Para que a vida do homem seja verdadeiramente humana, é indispensável que se erje, em cada indivíduo, a consciência dos seus deveres sociais; que se forme, em seu espírito, a noção de que ele é uma molécula do grande todo social chamado *humanidade*; de que, assim como é indispensável, sob o ponto de vista da física, que a coesão exista entre as moléculas para que elas formem o corpo e este se conserve integral, assim também forçoso é que entre os indivíduos do agregado humano, que são as moléculas do todo social, se manifeste e perdure essa outra coesão que, em sociologia, tem o nome de *solidariedade*; de contrário, o agregado social esfacelar-se-há.

E' preciso que se estabeleça, em cada indivíduo, a convicção de que a sua própria felicidade depende da felicidade de todos os seus similares; de que, sem esta, aquela não pode ser completa; de que, enquanto houver no mundo um ser humano desgraçado, com fome de pão e do corpo e do espírito, sem conforto na alma nem agasalho em seus enrejados membros, não há direito de gozar porque nesse infortúnio, todos temos uma cota-parte de responsabilidade. E' principal obrigação de todos nós, sermos téticos à grel por qualquer forma.

A vida social é uma reciprocidade constante; e tão infindável que, desde que ela faile, a desgraça atinge logo o homem consciente e justo.

Ora a educação, formando a personalidade do ser humano, tem este elevado objectivo.

A Universidade Popular Portuguesa juntou-se com o propósito de educar.

E' educar é isto que acabei de, muito sumariamente, expor.

Os serões de arte que ela promove não são um pretexto para materialmente gosar, como pode gosar, o gastrônomo que se repleta de bons bogados...

Seria mesquinha uma tal pretensão! Nós queremos, é nossa aspiração mais caricada, que, juntamente com o ênfeze do espírito, com o prazer da matéria, (passam os velhos chavões da metafísica) vá alguma causa que obrigue a reflectir.

O serão de arte social, o serão de arte patriótica e este serão de arte religiosa não foram pensados com o intuito de fazermos propaganda partidária, patriótica ou religiosa.

Isto seria falsear o nosso plano educativo.

Se os dois primeiros serões não correspondem porventura, ou o de hoje não corresponder—esperamos bem o contrário

INTERESSES DE CLASSE

Rurais de Seda

A exploração do patronato deve opor-se à organização dos trabalhadores

SEDA, 26.—É intolerável a forma porque os lavradores tratam os rurais nesta frequência.

Os trabalhadores filiados no seu sindicato são o mais possível boicotados. Ainda hoje o sr. Joaquim T. Carvalho, da herdeira de Vale de Barreiros, necessitando pessoal para trabalharem com uma máquina, encarregou um empregado de o arranjar, com a recomendação de não admitir trabalhadores sindicados.

O empregado é que não esteve para colaborar nessa injustificada represália e respondeu-lhe que não faria tal, pois desde que os trabalhadores cumprissem o seu dever e não prejudicasse ninguém, pouco se lhe dava saber se eram associados ou não.

Também o patronato não descura o seu enriquecimento contra os interesses dos que lhe promovem, pois lhes pagam o infinito salário de \$800 pelo trabalho extenuante de 14 horas diárias.

Não devem os rurais dispor-se a tolerar de bom grado tal forma de proceder dos seus exploradores.

Todo o que trabalha tem direito a ser remunerado por forma a poder satisfazer todas as suas necessidades.

Todo o que trabalha tem o direito, exactamente como os que do seu trabalho vivem, a associar-se para a defesa dos seus interesses.

O horário máximo de oito horas de trabalho por dia é um direito inegável dos que vivem do seu trabalho.

Todos estes direitos não serão respeitados pelos patrões se os trabalhadores se eles não tiverem consciência e força para os imporem.

E' pois necessário que os rurais deem ao seu sindicato a vitalidade requerida para que os lavradores aprendam a respeitar os que os servem. —E

A questão dos foros

Os foreiros, transformados em pequenos burgueses, não devem confundir-se com os trabalhadores rurais

Camarada Director!—Permita-me você já que até hoje ninguém registou este facto—que eu em A Batalha diga algo sobre a momentosa questão dos foros e a importância que alguém pretende dar-lhe.

Primeiro que tudo deva dizer que não sou militante operário mas tão somente um operário a quem o tempo ensinou a descrever a ação que não partisse dos individuos propriamente interessados em tudo que lhes disseste respeito.

Feita esta declaração para não ser apodado de lunático, principiarei.

Tenho observado com mágoa que alguém vez ouviu falar de que se dão algumas vezes o caso de pessoas, bem intencionadas de resto, quando colaboram sinceramente em qualquer obra, manifestando a sua individualidade, apresentando ideias meramente pessoais que brigam ou podem brigar com a orientação da mesma obra; mas isso não terá as consequências que se riem para recuar quando essa orientação é nítida e firme; principalmente quando esta precede de instituições de estrutura da da Universidade Popular Portuguesa cujos corpos gerentes são compostos de homens de espírito progressivo, entre os quais, alguns, em quantidade apreciável, são ideólogos da mais avançada expressão sob o ponto de vista sociológico.

O estudo do fenômeno religioso, à luz da filosofia só, não pode ser considerado como estando fora da sociologia; e, assim, o filósofo encara-o como qualquer outro fenômeno sociológico.

E na sua investigação serena, não se perturba com o que, à roda dos termos Deus, Divindade, Génios, Satanaz, Demónios, etc., etc., a fantasia ingénua dos povos tem criado. Considera-os como símbolos maiores ou menos bem inspirados e representativos de uma tópica a fenomenologia.

Mas, agora reparo, eu estou enveredado por um campo que não me compete.

Sua excelência o sr. António Arroio vai desenvolver, creio bem, muito sábiamente e muito profundamente este assunto tão interessante.

Ponho ponto final à crueza de vos ter privado até agora do prazer espiritual que viestes aqui procurar pretendendo ouvir palavras superiormente belas e finamente conceituosas como as sabe dizer sua excelência.

Peco, pois, a v. ex.^o se dignem desculparem.

E a v. ex.^o, sr. António Arroio, endereço, nui especialmente, igual pedido quanto à minha intrusão numa esfera de actividade dentro da qual, por direito do saber e nobreza de inteligência, só a v. ex.^o pertence.

Considera-os como simbólos maiores ou menos bem inspirados e representativos de uma tópica a fenomenologia.

Digne-se a v. ex.^o ocupar o seu verdadeiro lugar neste tribuna.

HORARIO DE TRABALHO

Pela Sociedade Nacional de Tipografia L. da

A empresa exploradora de O Século, pertença da União dos Interesses Económicos, tendo em alto apreço os justos direitos do seu pessoal concede-lhe o horário de oito horas.

Há, porém, uma categoria, que não merece a consideração desses correctos cidadãos:

E' a dos serventes, de dia, de O Século. Esta categoria de trabalhadores, que trabalha, "normalmente", dez horas por dia, ganha por cada hora além dessas 20.^o sóbre o salário normal.

Isto é, aqueles que são considerados abaixo do restante pessoal, não se lhes reconhecendo os mesmos direitos que aos outros, pois lhes estabelecem um horário de trabalho ilegal, ilegalmente retribuído, deraudando-os ainda no pagamento do trabalho que entendem considerar suplementar.

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$50.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-há um abatimento de 50% em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA.

"A BATALHA" No Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

O cultivo em comum da terra, a sua socialização, deve ser uma das principais preocupações dos trabalhadores rurais organizados.

AS GREVES

A dos soldadores de Olhão continua sem desfalecimento

Um manifesto do Sindicato

OLHÃO, 26.—O movimento grevístico dos soldadores contra a baixa de salários prossegue inafetivel. Os industriais mantêm-se na mesma atitude, pretendendo reduzir os salários.

O Sindicato dos Soldadores a fim de elucidar o público rezolveu editar um manifesto, do qual são os períodos que vão ter-se:

«Está latente um conflito entre a Classe dos Soldados e os Industriais de Conservas, por estes pretendem reduzir os salários. Não podia a nossa classe aceitar esta redução sem, atender aos múltiplos aspectos que envolve esta pretensão. Os industriais de conservas depois de provocarem a miséria e a fome nos nossos lares, há aproximadamente oito meses, encerrando as suas fábricas, privando-nos do sustento, impedindo que angariasssemos com o produto do nosso trabalho, uma cédula de pão com que mitigasssem a fome e a de nossos filhos, pedágios da nossa alma, querem—oh! fantástica alucinação—acabarem de sepultar-nos.

Quais as razões que estes senhores alegam para um fim desta ordem? Por terem os seus gêneros sofrido uma pequena baixa. Mas quando é que os nossos salários, igualaram a desmedida subida de todos os artigos essenciais à vida? Será com a baixa de salários que os senhores industriais abrem todas as oficinas encerradas há 8 meses, para sustentarem todo o pessoal? E é no momento em que a conserva tem uma subida considerável no mercado estrangeiro, que os fabricantes nos querem reduzir o salário?

Desde meados do corrente mês que a conserva tem tido uma maior procura com elevados preços. A folha, estanho e chumbo, devido a baixa do câmbio, são adquiridos por menor preço. O peixe, em virtude da maioria das fábricas estarem encerradas, é comprado por uma tuta e meia, como se diz em bom calão.

E com todas estas vantagens que os senhores industriais nos pretendem reduzir os salários?

E' em Olhão onde a nossa classe menos salários aufera. Contudo os industriais do resto do país que pagam maiores salários que os nossos, ainda não impuseram uma desmedida subida de todos os artigos essenciais à vida?

Primer que tudo deva dizer que não sou militante operário mas tão somente um operário a quem o tempo ensinou a descrever a ação que não partisse dos individuos propriamente interessados em tudo que lhes disseste respeito.

Feita esta declaração para não ser apodado de lunático, principiarei.

Tenho observado com mágoa que alguém vez ouviu falar de que se dão algumas vezes o caso de pessoas, bem intencionadas de resto, quando colaboram sinceramente em qualquer obra, manifestando a sua individualidade, apresentando ideias meramente pessoais que brigam ou podem brigam com a orientação da mesma obra; mas isso não terá as consequências que se riem para recuar quando essa orientação é nítida e firme; principalmente quando esta precede de instituições de estrutura da da Universidade Popular Portuguesa cujos corpos gerentes são compostos de homens de espírito progressivo, entre os quais, alguns, em quantidade apreciável, são ideólogos da mais avançada expressão sob o ponto de vista sociológico.

O estudo do fenômeno religioso, à luz da filosofia só, não pode ser considerado como estando fora da sociologia; e, assim, o filósofo encara-o como qualquer outro fenômeno sociológico.

E na sua investigação serena, não se perturba com o que, à roda dos termos Deus, Divindade, Génios, Satanaz, Demónios, etc., etc., a fantasia ingénua dos povos tem criado. Considera-os como símbolos maiores ou menos bem inspirados e representativos de uma tópica a fenomenologia.

Mas, agora reparo, eu estou enveredado por um campo que não me compete.

Sua excelência o sr. António Arroio vai desenvolver, creio bem, muito sábiamente e muito profundamente este assunto tão interessante.

Peco, pois, a v. ex.^o se dignem desculparem.

E a v. ex.^o, sr. António Arroio, endereço, nui especialmente, igual pedido quanto à minha intrusão numa esfera de actividade dentro da qual, por direito do saber e nobreza de inteligência, só a v. ex.^o pertence.

Assim, tornava-se impossível ficarem foreiros e simples trabalhadores debaixo do mesmo teto. Havia de ter graça um rural sindicado em greve com outro rural—mas sempre o salário for.

Estes patrões são os que melhor podem atender e a sua resistência só pode justificar-se pelo prazer macabro de sacrificá-los.

As suas habilidades não conseguiram abalar a energia dos lutadores, pois nem com as tendenciosas notícias nos grandes jornais, ou por quaisquer outras formas semelhantes o conflito será solucionado.

Só pelo jornal A Batalha os operários tiveram conhecimento certo do que se fôr passando, devendo não confiar, portanto, nos outros jornais.

Há, pois, que continuar lutando com alguma persiste—Os foreiros de V. Novas resolveram associarem-se no sindicato rural para tratar simplesmente da sua bôsa—que lhe estava a arder!

Adeus luta de classes que caracteriza a organização rural!

Portanto, a meu ver, a questão dos foros interessa a uma pequena parte dos rurais, pertencentes à classe média, ficando posta de parte a grande massa rural que sofre a exploração tanto destes pequenos como dos grandes lavradores. Mesmo assim, o C. G. T. não descurou o assunto.

Agora dás-se o caso interessante: se ainda persiste—Os foreiros de V. Novas resolveram associarem-se no sindicato rural para tratar simplesmente da sua bôsa—que lhe estava a arder!

Há, pois, que continuar lutando com alguma persiste—Os foreiros de V. Novas resolveram associarem-se no sindicato rural para tratar simplesmente da sua bôsa—que lhe estava a arder!

Aproxima-se a reunião magna para apreciar a atitude dos patrões renitentes e resolver o caminho a seguir, realiza-se na próxima sexta-feira.

SOLIDARIEDADE

Pró-José dos Santos